

# Novos Robôs em Casa

Luiz Carlos Cagliari

1

Quando minha mãe era pequena, a mãe dela, chamada Luísa Rosa, contou que, antigamente, só existiam pequenos robôs de brinquedo. E eram brinquedos de menino. Depois, as fábricas começaram a fazer robôs de brinquedo maiores, imitando pessoas de verdade. Todos eram semelhantes aos homens. Não havia robô mulher. Os robôs de brinquedo, como qualquer brinquedo, logo perdiam a graça e ficavam no canto de um quarto ou numa caixa de brinquedos. No começo, apareceram robôs especializados. Eles eram muito divertidos e eram mostrados em exposições. Um robô sabia falar, outro sabia cantar; um sabia dançar e outro sabia andar e subir escadas. Um robô respondia perguntas e outro servia para dar informações. A evolução dos robôs foi muito rápida, não foi como a das pessoas que demoram para crescer e para poder fazer coisas de gente grande. Os robôs já nasciam como gente grande.

2

Minha bisavó era engenheira e linguista e contribuiu para ensinar os robôs a falar, a ouvir, a responder, a escrever e a ler. Mas eles não entendiam o que faziam. Era tudo automático. Quem comandava tudo era um *chip* de computador, uma espécie de mente dos robôs criada pelos homens. Os robôs já tinham olhos de câmeras de televisão, ouvidos de gravação de sons e de ruídos, boca de autofalante.

3

Os médicos engenheiros conseguiram fazer muitas peças, que eles chamavam de *próteses* em pessoas deficientes, para consertar ossos quebrados e ajudar paralíticos a andar. Os engenheiros logo começaram a fazer próteses para melhorar os robôs. Eles passaram a se mexer, a andar, a subir escadas e poderiam até jogar futebol. Os antigos diziam que o mundo e a vida iam mudar com tanta tecnologia. Os robôs poderiam ser feitos imitando apenas o que há de bom no ser humano. Minha avó Maria Rosa rebatia dizendo que, apesar dos avanços científicos, não ia haver muitos avanços sociais. Os preconceitos contra pessoas e contra ideias iam continuar, porque mudar pessoas e indivíduos é sempre muito difícil. Robôs são programados e não alteram o modo de ser com o uso. Robôs não imitam, fazem o que têm que fazer. As pessoas, diferentemente dos robôs, são muito influenciáveis pelo ambiente social em que vivem. Por isso, os seres humanos adoram copiar ideias novas, modificando a própria vida.

4

Meu bisavô morreu porque caiu e quebrou o pescoço. Nem toda a tecnologia daquela época foi capaz de consertá-lo. Foi muito triste, mas eu ainda não tinha nascido quando isso aconteceu. Minha avó ainda era pequena e ficou com a lembrança do enterro pelo

resto da vida. Um dia, ela me disse que tudo o que acontece na vida, a gente guarda na memória. Certas coisas estão sempre presentes, basta querer se lembrar delas. Coisas ruins costumam ser desse tipo. Mas, coisas boas também. A alegria e a tristeza da vida dependem da memória que a gente tem delas. Infelizmente, não dá para gravar boas lembranças, como se faz nos robôs. É preciso vivenciá-las antes. Também não dá para apagar coisas da memória. Elas continuam lá para sempre. E, de vez em quando, emergem na nossa consciência. Eu gostava de conversar com a minha avó. Mas, hoje, já não posso mais.

5

Minha mãe nasceu em tempos modernos, cheios de máquinas inteligentes, que vem ajudando a Humanidade a conquistar grandes realizações econômicas, políticas e até sociais. Minha família reformou a casa duas vezes para adaptá-la aos novos modos de vida. Os museus de ciência contam com grande espaço para mostrar equipamentos antigos em desuso. É sempre curioso ver o tamanho de um celular antigo, de um computador, dos telefones pretos com disco ou com teclas. Eles mostram como evoluíram as comunicações no mundo, desde a Internet até a Cosmonet. É comum encontrar seções especiais mostrando a história dos eletrodomésticos. É uma seção de curiosidades. Não cozinhamos mais como antigamente. Minha avó dizia que a comida moderna tem outro gosto.

6

No museu de ciências da escola, há um painel sobre a Aldeia Global que me despertou a curiosidade, porque eu gosto de ficção científica antiga. Aldeia global é um mundo onde, apesar das distâncias geográficas entre as cidades, todas as pessoas se sentem como membros de uma única e mesma cidade. Todos viraram vizinhos digitais de todos os outros. Os países deixaram de existir na mente das pessoas, porque, no mundo digital não há mais fronteiras. As conversas voam de um canto a outro da Terra em um segundo, levando a fala e a imagem dos falantes. O que antes era apenas uma fantasia de ficção científica, em pouco tempo se tornou realidade. E, hoje, através dos meios de comunicação, não apenas falamos uns com os outros, mas também falamos com os eletrodomésticos à distância.

7

Domingo, fui com meu pai, minha mãe e meu irmão Artur visitar uma nova exposição de robôs domésticos. Havia tanta gente como tinha visto na exposição de veículos de uso familiar aéreo e terrestre no ano passado. Havia centenas de novos modelos de eletrodomésticos para melhorar a vida. Minha mãe anda implicando com o robô doméstico que faz a limpeza da casa e do jardim. Meu pai anda implicando com o robô familiar porque é muito incompetente e dá mais trabalho do que ajuda em casa. Artur acha que a família precisa de um robô motorista. Eu fui apenas para ajudar a escolher.

8

Aproveitando as ofertas da exposição, minha família comprou um robô alemão da marca Henckrehnck e um robô feminino americano da marca Kleenclock, especialista em limpeza da casa, em lavar e passar as roupas. Kleenclock é um robô muito popular de uns anos para cá. É uma marca que está ficando famosa como a antiga Brastemp do museu. Um especialista da fábrica ficou de levar o Henckrehnck para nossa casa e programá-lo de acordo com as necessidades da família. Precisava instalar um programa de culinária específico, que não vinha com o original. O Kleenclock nos acompanhou na volta para a casa, quando saímos da exposição. Robôs de utilidades domésticas têm um programa especial padronizado e não precisam de instalação. Já vêm prontos de fábrica e se adaptam automaticamente aos mais diferentes ambientes e afazeres das casas. De acordo com as propagandas, os robôs recebem melhorias constantes dos fabricantes, mas alguns não conseguem assimilar certas inovações e se tornam obsoletos e vão para a reciclagem eletrônica. Com a recente reforma da casa, tornou-se necessário reformar ou comprar novos robôs. Meu pai sempre acha melhor comprar um novo do que consertar os muito velhos.

9

Minha mãe gostou da Kleenclock, embora achasse que ela não era tudo o que a propaganda dizia. Mas, pelo preço, valeu a pena. Além disso, ela é muito melhor do que o robô de limpeza doméstica que tínhamos antes, um Nun-All-3, já peça de museu, como concluiu minha mãe. Esse velho robô começou a abrir, às vezes, seu contêiner de lixo e de água fazendo sujeira dentro de casa e dando dor de cabeça para minha mãe. Ela limpou a sujeira uma última vez e mandou o robô para o conserto. Voltou com o mesmo defeito. Parecia uma atitude infantil de má-criação ou birra de velho. O defeito do robô irritava minha mãe, que reclamava com meu pai. Ele, então, dizia que o Davi e o Artur também podiam ajudar na limpeza da casa. Ele nunca achava que ele também podia ajudar nas tarefas domésticas.

10

A nova versão XP-01 do Henckrehnck veio muito melhor do que a versão velha que tínhamos: mais inteligente, com mais memória e um programa de inteligência artificial de última geração. Passamos o apelido do antigo para o novo, chamando-o de *Rênqui*. Na exposição, o Artur disse que ele é mais inteligente do que eu. Mas, acho que nunca um robô será mais inteligente do que um ser humano, porque nós temos a mente e eles têm apenas um programa eletrônico. Fiquei muito surpreso quando minha mãe concordou com o meu irmão. Até me senti um pouco ofendido. Eu posso destruir um robô, mas ele não deve matar nem maltratar nenhum ser humano, porque foi assim que o Asimov criou a robótica.

11

Na aula de robótica, aproveitando a ocasião, eu perguntei ao professor quem era o Isaac Asimov. O professor disse que Isaak Yudavich Azimov nasceu na antiga Rússia em 1920 e foi para a América onde foi professor de química e faleceu em 1992. Foi um cientista que gostava de inventar histórias de ficção científica. Ele batizou as máquinas

inteligentes humanoides de *robôs*, nome que significa *trabalhador*. Ao saber disso, fiquei mais satisfeito, menos preocupado com a hegemonia dos robôs, como disse o Artur. A Kleenclock cumpre sua missão como robô doméstico... Mas, tenho minhas dúvidas com relação ao novo *Rênqui*. Ele me parece um tanto esquisito, quando olha para mim. Está sempre me estranhando.

12

Foi antipatia à primeira vista. O sentimento contra o *Rênqui* veio, certamente, porque eu achei que ele pudesse ser melhor do que eu. Pensar o contrário também não ia mudar as coisas. O Sr. Henckrehnck continuaria sendo sempre o mesmo. Nós, em casa, continuaríamos como sempre fomos. A educação melhora os seres humanos, mas não muda a natureza de cada um. Nós somos indivíduos e, assim, somos todos diferentes. Os robôs são cópias iguais de um original. Outros *Rênquis*, espalhados pelo mundo, devem ser iguais ao que estava diante de mim, com aquele olhar enigmático. O que será que ele pensa de mim? Tentei uma conversa amigável numa ocasião, mas as respostas eram calculadamente vazias e, desisti. À noite, já na cama, fiquei com medo que acontecesse algo de mal com a minha família. A gente compra um robô novo, mas não compra uma mãe ou um pai novos iguais ao original.

13

Passou um ano e minha mãe continuou gostando cada vez mais da Kleenclock. Acho até que se tornaram amigas e confidentes. A robô fazia tudo direitinho, como minha mãe gostava. A casa estava sempre limpa, as roupas lavadas e passadas. Às vezes, a Kleenclock era um pouco estabanada e quebrava alguma coisa que caía de uma prateleira ou de alguma mesa. Um dia ela quebrou uma lembrança do escritório do meu pai. Ele ficou chateado e foi reclamar com o *Rênqui*. O robô respondeu de imediato: “Senhor, não cabe a mim repreender a Kleenclock. Ela tem sido um robô responsável. Além disso, os humanos também quebram coisas...” Meu pai olhou para aquele robô arrogante, não gostou daquela lógica, deu meia volta, e entrou no escritório. Eu presenciei tudo e dei um sorriso amarelo. O *Rênqui* me olhou com um olhar esquisito que achei que era de inimigo.

14

Durante meses, o *Rênqui* cometeu várias falhas graves, não cumprindo direito o seu papel de ajudante da família. Também começou a dar desculpas estranhas. Meu pai teve que mudar o programa duas vezes, aproveitando a garantia. Antes da última mudança, o *Rênqui* começou a dizer coisas estranhas, a usar expressões que ouvia de pessoas que vinham nos visitar em casa. Meus colegas gostam de dizer palavrões, quando meus pais não estão presentes. O robô está sempre atento a tudo, ouvindo o que acontece em casa. Como ele não sabia dos valores sociolinguísticos da linguagem humana, um dia, ele disse um palavrão para minha mãe, o que revoltou meu pai, que o deixou desligado num canto da garagem por alguns dias. Eu dizia para o meu pai que castigar robô não adianta...

15

A mãe do meu pai veio morar com a gente, quando ficou viúva. Agora ela já está muito velha e, às vezes, precisa de ajuda. Um dia, o *Rênqui* se recusou a ajudá-la a se levantar. Disse que não podia porque tinha que molhar as plantas da varanda. Quando cheguei da rua, encontrei a minha avó dormindo no sofá com a televisão ligada num jogo de futebol, coisa que eu nunca a vi assistir. Quando a Kleenclock acaba seu serviço, de acordo com a programação feita pela minha mãe, a robô vai para um armário, preparado para ela ao lado do armário do *Rênqui*. Quando alguém precisa de alguma coisa, é só chamá-la, que ela se liga, e atende ao pedido. Com o *Rênqui*, as coisas nem sempre funcionam como deveriam. Ele gosta de aparecer na sala de jantar quando a família está reunida para o jantar, sobretudo, se houver alguma visita em casa. Embora seja uma função dele preparar as refeições, meus pais desligaram a rotina que o colocava na sala de jantar na hora das refeições. Minha avó acha que nós, humanos, precisamos de um tempo humano em nossas vidas e que a refeição do fim do dia era o momento ideal para isso.

16

Um dia, o *Rênqui* perguntou ao meu pai:

- Posso guiar seu veículo terrestre?
- Meu carro? Perguntou meu pai surpreso.
- Sou um robô com muitas habilidades não usadas em sua casa. Tenho um excelente programa de direção de veículos para diferentes ocasiões e finalidades. Mas o programa nunca foi usado.
- Você sabe andar de bicicleta?
- Sim senhor. Sei também dirigir uma lancha e até um veículo aéreo.
- Que veículo aéreo, perguntou meu pai curioso.
- Um Aerotesla padrão e alguns tipos mais sofisticados.
- Então, vamos ver como você dirige.

17

Chegando na garagem, o robô disse a senha que o meu pai lhe ensinou e a porta do carro se abriu. Sentou-se no banco do motorista com meu pai ao lado. Apertou um botão e o carro ligou todos os controles e painéis, inclusive os cintos de segurança. O motor também começou a funcionar, acusando que a bateria estava baixa, por falta de uso. Isso se resolvia à medida que o carro andasse. Henckrehnck checkou o sistema de proteção pessoal, lembrando ao meu pai de fazer o mesmo. Ligou o GPS local de dirigibilidade automotiva. Perguntou aonde poderiam ir.

- Vamos ao meu trabalho na Moltec Eletrônica.

Henckrehnck informou o computador de bordo sobre o itinerário desejado e logo apareceu o programa com o melhor percurso para aquela ocasião.

- Podemos partir?

- Sim! Vamos lá.

O carro saiu de casa e sumiu na esquina.

18

Fiquei muito apreensivo com aquela aventura e fui contar para o Artur e para a minha mãe. O Artur foi logo me interrompendo, dizendo:

- Preciso de um motorista que me leve à escola e a outros lugares que ficam longe de casa.

Minha mãe achou que já estava na hora de dar chance para o robô sair de casa e fazer compras de supermercado sozinho, já que ele era o cozinheiro da casa. Também podia levar as pessoas a clubes e festas, aliviando esse tipo de transtorno para a minha mãe, porque essas tarefas sempre sobravam para ela. Concordei com minha mãe. Mas, precisava consultar o meu pai, porque é ele quem paga os seguros dos robôs, do carro, da casa...

19

Quando meu pai chegou, foi logo dizendo para minha mãe, que o esperava no jardim:

- Temos um excelente motorista. Respeita todos os sinais de trânsito das ruas, respeita dos pedestres, respeita ou outros motoristas, guia sem falar e dentro da velocidade permitida. Henckrehnck fez apenas um comentário típico de si:

- Sou um robô bem programado para muitas tarefas.

Nos próximos dias, todos quiseram sair de casa por vários pretextos somente para exibir um robô motorista para a vizinhança. Poucos tinham um robô tão sofisticado e completo. Todos acabaram tendo suas chances. Saíram e voltaram satisfeitos, o que fez do robô um amigo, quase um membro da família.

20

Logo percebi que o robô tinha memorizado uma grande quantidade de informações à medida que andava pela cidade. Depois, começou a fazer comentários durante o percurso.

- Aquela casa é muito antiga, precisa ser demolida para dar lugar a uma casa moderna. Alguns pedestres são irresponsáveis. Deveriam reprogramá-los na escola. As ruas andam sujas e isso é uma vergonha para a cidade. Onde estão os robôs da limpeza pública? Você e seu irmão me deixam muito tempo parado dentro do carro esperando que voltem. Seu pai faz sempre o mesmo caminho. Podia trocar de emprego, que seria uma experiência divertida para ele e para mim...

Ouvia o *Rênqui* e me lembrava do Artur. Será que os robôs estão ficando melhores do que nós humanos? Eles estão aprendendo como nós e, como muita gente, misturando ideias boas e ruins, corretas e erradas? Lembrei-me do Asimov e fiquei preocupado. Algum dia, quando um robô se julgar melhor do que os humanos, poderá convencer outros robôs a não mais servir aos humanos. Sempre quando temos muitas ideias, elas se embaralham na mente e nos fazem cometer erros. Será que está acontecendo isso com o *Rênqui*?